



LULA E A LÍNGUA FLUIDA – UMA RELAÇÃO POLÍTICA¹

LULA AND THE FLUIDA LANGUAGE – A POLITICAL RELATIONSHIP

Daianna B. A. Pompeu²

Resumo: Este artigo analisa ocorrências da Língua Fluida (LF) em excertos de falas do ex-presidente Lula, coletadas por Marcelo Tas no livro “Nunca Antes na História deste país” (2009). Seriam essas escolhas metafóricas e apelativas uma estratégia de marketing para aproximar-se da população através da Língua Fluida? Recortes como “Lá, a crise é um tsunami. Aqui, se chegar, vai ser uma marolinha, (...)” mostram como tais “usos e costumes” foram naturais em seu discurso e contribuíram no aumento de sua popularidade. Partindo da análise desses trechos e dos conceitos da AD de Pêcheux e Orlandi, procura-se refletir sobre tal situação e levantar questionamentos a respeito da força das palavras e sua relação com a política.

Palavras-chave: Língua fluida. Lula. Discurso. Oralidade.

Abstract: This article analyses occurrences of Fluid Language in statements by the Brazilian president, Lula, collected by Marcelo Tas in his book “Nunca Antes na História deste País” (2009). Are these lexical choices, loaded with metaphors and appealing a conscious marketing strategy, inducing a sense of proximity with the population through the constant use of Fluid Language? Cutouts like “Lá, a crise é um tsunami. Aqui, se chegar, vai ser uma marolinha, (...)” shows us how linguistic “uses and traditions” were natural in your speeches and that they contributed to increasing his popularity. Starting from these passages analyses and the concepts of AD by Pêcheux and Orlandi, we try to think over these situations to raise some questions about the force of the words.

Keywords: Fluid Language. Lula. Speech. Orality.

¹ Este artigo foi apresentado no ADIS VI – CIED II – 6ª Jornadas Internacionais de Análise do Discurso e 2º Congresso Internacional de Estudos do Discurso na Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Portugal.

² Pedagoga, graduada em Letras, com especializações em Psicopedagogia, Supervisão Escolar e Artes, Mestrado em Letras e doutoranda em Ciências da Linguagem pela UNIVÁS/MG. Educadora há 20 anos, atualmente trabalha com Literatura e Língua Portuguesa na ACF, FVH/UNIS e UNIPAC. E-mail: daiannapompeu@gmail.com

Introdução

“Todo mundo tem o direito
de ser contra, a favor ou
muito pelo contrário.”

Luís Inácio Lula da Silva

De uma forma um tanto simplista, a língua é o primeiro reflexo de um povo, pois a partir dela podemos conhecer suas manifestações culturais, sua história, suas transformações. A língua une, mas também segrega grupos sociais, pessoas, famílias... serve para impor padrões, estabelecer métodos, criar preconceitos. Pessoas a usam das mais variadas formas, seja como arma, consolo, companhia. Escrita, falada, cantada, veiculada das mais variadas formas, a língua aproxima e separa indivíduos e constitui um universo incomensurável de análise para os estudiosos da área.

A Análise do Discurso (AD) não vê a língua de uma perspectiva utilitarista e instrumentalizável, e sim como algo que não é homogêneo, nem tampouco transparente. Para ela, a língua é algo constituído pela incompletude, pois não funciona fechada em si mesmo, uma vez que sempre estará aberta ao equívoco (ORLANDI, 2002). A AD não trabalha com a dualidade língua/fala, mas sim com a relação língua e discurso, considerando a língua em funcionamento como condição necessária para o desenvolvimento do processo discursivo, com sua unidade, sua própria ordem, com a diferença que não se compõe de um sistema perfeito, nem uma unidade fechada: a língua é sujeita a falhas e é afetada pela incompletude. E ainda completa que a falha e a incompletude não são defeitos em sua materialidade, mas o lugar do possível. (ORLANDI, 2009).

Já em relação à linguagem, a AD recusa a concepção que a reduz a um simples instrumento a serviço da comunicação ou a um simples veículo de transmissão de informações, pois tal concepção seria a base de uma ideologia que mascara a sua ligação com a prática política, e contraria os conceitos-chave postulados pelo filósofo francês Michel Pêcheux (considerado o iniciador da AD na década de 60) e Orlandi (precursora da AD no Brasil) dentro da Análise do Discurso, concepções estas que serão o pano de fundo deste artigo e ponto de partida para as reflexões sobre Língua Fluida.

Segundo ORLANDI (1988, p. 34), “a língua fluida é a que não pode ser contida no arcabouço dos sistemas e fórmulas. (...) Língua na

qual convivem processos muito diferentes e cuja história é feita de fartura e movimento.” Ou ainda “a que podemos observar quando focalizamos os processos discursivos, através da história de constituição das formas e sentidos, nas condições de sua produção, na sociedade e na história, afetada pela ideologia e pelo inconsciente. A que não tem limites.” (ORLANDI, 2009, p. 18)

Isto posto, como material de análise para este artigo, foram selecionados alguns recortes do livro “Nunca antes na história deste país: as frases mais engraçadas e polêmicas do presidente Lula”, publicado pelo jornalista e comunicador de TV Marcelo Tas no ano de 2009. O livro é uma coletânea de falas do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva proferidas durante seus 2 mandatos na Presidência do Brasil, falas essas que por sua vez foram coletadas de outro livro, “Lula, o filho do Brasil”, de 2003, escrito pela jornalista Denise Paraná, além de recortes de jornais, periódicos e entrevistas televisionadas. Segundo o autor, as falas foram escolhidas e agrupadas segundo “profissões” (aspas do autor) que o ex-presidente assumia durante seus discursos e que, na maioria das vezes, se iniciava com a frase “Nunca antes na história deste país”, o que dá título ao livro.

Luiz Inácio Lula da Silva exerceu o cargo de presidente do Brasil durante dois mandatos seguintes (de 1º de janeiro de 2003 a 31 de dezembro de 2010), sendo eleito através de escolha democrática, com o voto da maioria. Nasceu no Nordeste pernambucano em 1945, numa região de semiárido, sétimo filho de um casal de lavradores analfabetos e pobres. Aos 7 anos de idade mudou-se com a família para a região de Santos (SP), a procura do pai que já havia migrado anos antes. Fugindo da seca como milhares de outros brasileiros, trabalhou primeiro como vendedor ambulante e engraxate. Já na adolescência, mudou-se para a capital do estado, São Paulo, onde concluiu o ginásio e se matriculou num curso de torneiro mecânico do SENAI. Desse ponto em diante iniciou sua vida como operário e, posteriormente, militante político dos sindicatos do ABC Paulista. Não chegou a concluir seus estudos acadêmicos, mas sua origem humilde e sua falta de formação superior não o impediram de, segundo Kamel, “ter um repertório de palavras semelhante ao de alguém com formação superior.” (2009, p. 23)

Esse trabalho não se propõe, em momento algum, a realizar uma propaganda partidária nem criticar a figura pública do ex-presidente, mas apenas propor reflexões pertinentes a partir da noção de LF (Língua Fluida) e Oralidade no discurso político e seu alcance junto à população,

uma vez que, no entrecruzamento entre LF e Oralidade, estas passam a ser consideradas, muitas vezes, formas marginais em relação à legitimação que a língua escrita possui na sociedade desde os tempos antigos. No Brasil, esta divisão é bastante visível entre os grupos que dominam apenas a língua oral (a camada mais desprestigiada da população, os operários, os marginalizados, os que não tiveram, por razões diversas, acesso à educação formal) e aqueles que a desprezam, dando à língua escrita ou às línguas-imaginárias – “línguas-sistemas, normas, coerções, as línguas-instituição, a-históricas. Construção. É a sistematização que faz com que elas percam a fluidez e se fixem em línguas-imaginárias” (ORLANDI, 1988, p. 28), o estatuto de discurso legitimador e oficial.

Ancorados no dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso e partindo dos conceitos postulados por Orlandi sobre Língua Fluida (LF), pretende-se analisar alguns recortes do livro “Nunca antes na história deste país: as frases mais engraçadas e polêmicas do presidente Lula” para refletir sobre a relação entre a LF e a formação de sentidos no que tange à grande popularidade do ex-presidente, uma vez que, fazendo uso de uma língua carregada de metáforas, oralizada e extremamente coloquial, o acesso às camadas mais populares do Brasil foi muito maior, produzindo assim, pelo uso da língua, um maior sentido de identificação entre a grande massa da população e a figura do presidente. Segundo Payer,

a língua, sua forma específica em relação ao conjunto de línguas e de formas, se expõe também como algo que participa da construção do objeto do discurso, onde o processo de significação incide sobre e advém especificamente na materialidade linguística historicamente instalada, de seus sentidos socialmente aceitos como memória e de seus efeitos no sujeito, no seio dos processos de significação. (PAYER, 2013, p. 185)

A identificação pode acontecer porque a fala do presidente atinge campos que já fazem parte da história dos seus ouvintes. Mesmo que nas entrelinhas esteja sua origem humilde, todo o seu percurso de superação até chegar à posição de chefe da nação e o possível desejo dos mais carentes de também ter alguma ascensão dessa espécie, a materialidade linguística está historicamente instalada porque os sentidos que se apresentam são comuns à grande maioria. O léxico é simples, as

frases são carregadas de significação simbólica, mas uma simbologia comum ao cidadão brasileiro que se vê refletido – e a identificação ocorre - no operário que se tornou presidente. E ainda,

a identificação do sujeito em relação às línguas e às suas diferentes formas, como parte do processo de significação, volta-se de modo peculiar sobre a base linguística, assinalando pontos nessa materialidade em que a relação do sujeito com o sentido – a significância – encontra-se em dependência direta de uma impressão de coincidência (ou não) com a forma material. (PAYER, 2013, p. 185)

Conceitos iniciais

Como já mencionado anteriormente, esse estudo procura analisar alguns recortes do livro em questão a partir de conceitos básicos da Análise de Discurso (AD) fazendo ponte com a constante presença da Língua Fluida (LF) - aquela que faz parte do dia a dia do falante em situações reais de uso, sem monitoramento, predominantemente oralizada, propondo reflexões sobre o seu impacto na popularidade do então presidente junto à população brasileira. A LF é o lugar mais propício para a falha e a incompletude, conceitos comuns à Análise de Discurso, uma vez que esta trabalha com a língua em funcionamento e os efeitos de sentido que podem daí suscitar. Não se pode esquecer também a questão do forte embate entre aqueles que são adeptos da manutenção da linguagem tradicional, os gramaticistas, que não aceitam o desenvolvimento e as modificações naturais da língua, e aqueles que veem a língua como um organismo vivo, suscetível a mudanças constantes, flutuante de acordo com o grupo social que dela faz uso.

Essas reflexões também não se pretendem inéditas, uma vez que já há inúmeros trabalhos que procuram analisar o discurso político e seus modos de circulação e efeitos de sentido, além do seu funcionamento midiático. Entretanto, é imprescindível que se continue a levantar questionamentos no sentido de que, quanto mais coloquial e popular for o discurso político, ou seja, quanto mais apelativo, mais sentido ele fará e mais alcance junto à maioria da população que com ele se identifica ocorrerá. Tais razões são mais complexas e não se esgotam nessas poucas páginas.

Os recortes apresentados no livro de Marcelo Tas são variados, por vezes descontextualizados entre si abordando assuntos

diversificados, e não consideramos necessário analisar todos eles, dispensando a exaustividade a favor da regularidade ali observada. Entretanto, selecionando alguns excertos, é possível observar o funcionamento discursivo no campo político, tentando refletir sobre alguns possíveis alcances desses discursos no que se refere a uma “linguagem” fluida, assim diríamos.

Segundo DE CERTEAU (1975), quando se entende a oralidade como uma prática discursiva, é importante que se considere suas condições de produção e os seus sujeitos. Entretanto, no discurso do ex-presidente Lula, a posição-sujeito Presidente da República Federativa do Brasil não combinaria com o que era proferido em situações reais, oficiais na maioria das vezes, abordando assuntos cuja seriedade pedia o uso de termos formais. Nesse sentido, as condições de produção e a posição-sujeito quebra o ritual esperado pela mídia, pelos outros políticos, pelos profissionais da área da educação, pelos escritores, enfim. Mas um efeito inverso – e aí é que surge a reflexão – passou a acontecer: um discurso oral, fazendo uso de uma LF, alcançava uma amplitude muito maior e uma eficácia na produção de sentidos mais abrangente no quesito identificação população/presidente do que o discurso tido pelos órgãos responsáveis como o discurso oficial. E quem deve definir que tipo de discurso deve ser utilizado para se alcançar a população? O que define na vida real um discurso político? A sua acessibilidade ou a sua erudição?

Como ficam as relações de poder desta forma, ou seja, quando a posição sujeito oficial quebra o ritual e não utiliza a linguagem que se espera dela? Como a identificação entre a posição-sujeito oficial ocupada pelo presidente, de onde se pressupõe um outro tipo de linguagem, e a posição-sujeito da população em sua maioria, é construída? Não seria verdade que a língua é o reflexo de uma sociedade? Não estaria assim havendo um nivelamento, uma aproximação entre a figura do chefe de estado e a grande massa da população, uma vez que é esta a língua – Língua Fluida – que a grande massa da população compreende, usa em seu dia a dia? Por que a LF, neste caso fortemente marcada pela oralidade, não é apropriada para o discurso oficial na política, entretanto ela funciona como língua política?

ZANCARINI (2008) e GUILHAUMOU (1989, 2009), autores que trataram de assuntos relacionados à língua da grande massa da população durante a República de Florença no século XVI e a Revolução Francesa também no século XVI, levantaram um questionamento

pertinente a essas reflexões: pode a língua comum ser a língua da política? Ou seria inadequado o presidente usar da língua coloquial – fluida – em suas falas de improviso frente a jornalistas, para se dirigir ao público ou mesmo à imprensa por ser esta língua “inadequada” (?) à política?

Não seria a língua comum que Zancarini e Guilhaumou se referiam mais acima uma forma de Língua Fluida que, nesse contexto brasileiro (mandatos do presidente Lula) tornou-se também uma língua política? Segundo Kamel,

quase sempre Lula sabe o que faz, por que faz e onde faz: seu objetivo é se comunicar com todos, mas, prioritariamente, com o “povão”, que compõe a massa de cidadãos. Para isso, Lula transforma o que muitos veriam como deficiência – sua sintaxe popular e sua falta de sofisticação gramatical – numa poderosa arma de comunicação. (KAMEL, 2009, p. 23)

No momento atual, percebe-se a utilização da LF em grande escala nas músicas que são amplamente consumidas, nos programas televisivos, nas redes sociais, na linguagem publicitária, enfim, na grande mídia. A LF e também a língua oral propiciam uma facilidade ou uma riqueza maior no que tange à formulação de sentidos. Usar essa flexibilização no discurso político é um recurso a mais na posição-sujeito daquele que a utiliza para alcançar objetivos pré-estabelecidos.

Zoppi-Fontana conceitua a língua política como

um modo de dizer produzido no exercício do poder, constitutivamente ligado a suas condições históricas de produção, que volta reflexivamente sobre si mesmo, tornando-se objeto explícito do confronto político tanto por aqueles que enunciam das instâncias próprias do campo da política, quanto por aqueles que produzem um discurso sobre essa língua (principalmente na mídia). (ZOPPI-FONTANA, 2011, p. 69)

Assim sendo, a língua política pode ser utilizada tanto por aqueles que a criam como por aqueles que dela se apropriam para diferentes fins. Aí voltamos mais uma vez àquele questionamento feito algumas linhas acima: pode a LF funcionar como língua política? Pode a LF provocar sentidos no campo do político? Pois os objetivos daqueles que usam a língua, tanto a LF quanto a língua política, nem sempre são

lícitos ou mesmo transparentes, pois como língua carregada de ideologia e suscetível ao deslize/deriva (efeito metafórico dentro da AD), propicia a quem a usa gerar sentidos múltiplos de acordo com o efeito que se quer atingir na grande massa da população.

A Análise de Discurso procura compreender como um objeto simbólico – uma fala, um discurso, por exemplo - produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. O discurso, por sua vez, é o lugar onde se observa a relação entre língua e ideologia (ORLANDI, 2002), e onde a materialidade discursiva se concretiza na memória do sujeito. Em Vitória (ES), no Parque das Baleias, em discurso realizado na primeira extração da camada pré-sal (2/9/2008), Lula afirma que “Deus passou por aqui e resolveu ficar! Porque a sorte aumenta a cada dia.” (TAS, 2009, p. 83)

Os sentidos não existem em si, mas são determinados pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas, e estas, por sua vez, mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam, ou seja, a posição-sujeito dos falantes. Os sentidos não estão colados nas palavras, completa ORLANDI (2002). Lula, tentando explicar a correspondentes estrangeiros as novas ideias que passou a defender depois de eleito presidente (27/05/2003), diz: “Eu não mudei ideologicamente. A vida é que muda. A cabeça tem esse formato justamente para as ideias poderem circular.” (TAS, 2009, p. 114)

Análises dos excertos

É interessante notar como a LF incomoda aqueles que são adeptos incondicionais das chamadas “línguas de madeira” dos regimes totalitários, línguas essas inflexíveis e fechadas às mudanças, presentes nas leis, artigos, documentos, estatutos em geral, pois “advogam a favor de uma enunciação sem falhas, colada ao mundo como uma sua cobertura transparente, e direcionada para um horizonte de clareza conceitual que garanta a comunicação perfeita.” (ZOPPI-FONTANA, 2011, p. 70)

Para a Análise de Discurso não há comunicação perfeita, sem falhas, pois os sentidos são muitos, deslizam, deslocam-se, ficam à deriva devido à própria característica parafrástica e polissêmica das palavras. E é justamente aí que reside a riqueza da área de atuação da AD. Não um

defeito, mas antes uma qualidade. (ORLANDI, 2009) E ter um representante de uma nação, ocupando uma posição-sujeito da qual o uso da LF é prática comum, deixa um nó contraditório. O representante maior do Estado foi o que mais fez uso da LF como língua política, quebrando estereótipos, fazendo muitas vezes uma espetacularização do discurso político.

Segundo Kamel,

Repetição, metáforas facilmente entendidas pelo cidadão comum, linguagem simples e convencional, essa é a fórmula de Lula. Mas há ainda outro ingrediente. Quando necessário, Lula não se importa nem mesmo de usar imagens fortes, que poderiam ser vistas como de mau gosto. Essa linguagem forte, embora não frequente, é usada sem constrangimento sempre que o presidente considera necessária: a fala flui sem ressalvas, não há nenhum pedido de licença para se usar uma linguagem mais contundente. Se seu objetivo é comunicar-se, ele usa todos os recursos. (KAMEL, 2009, p. 35)

Vejamos esse exemplo, garantindo que aprovaria as reformas mesmo contra a vontade do Congresso, do Judiciário e dos fenômenos da natureza:

Não tem geada, não tem terremoto, não tem cara feia. Não tem Congresso Nacional, não tem Poder Judiciário. Só Deus será capaz de impedir que a gente faça este país ocupar o lugar de destaque que ele nunca deveria ter deixado de ocupar. (24/02/2003) (TAS, 2009, p. 15)

Ou utilizando palavras do âmbito “doméstico”, abordando o tema “lavanderia”:

A elite brasileira, que saía do Sul para tomar conta da borracha no Amazonas, mandava lavar a roupa em Paris. Eram seis meses para ir e voltar. Imagine o cidadão ficar esperando uma cueca seis meses... E naquele tempo era ceroulão! (18/07/2007) (TAS, 2009, p.60)

Ou mesmo “comparando as adversidades da política ao cotidiano da população”, como em “Todo mundo aqui tem uma experiência de inveja na vida, não tem? Se tiver vizinha invejosa, tem que

chamar alguém para benzer a casa, porque senão a urucubaca acontece na casa da gente.” (19/10/2008) (TAS, 2009, p. 24)

Utilizando palavras antes impronunciáveis para a posição-sujeito de Presidente da República, ou mesmo gírias, o ex-presidente Lula transformou o discurso político em algo simples, acessível, comum. Algo como uma conversa de botequim, compreensível, acessível. Os sentidos deslizam para outros, mas esses outros ainda não fogem do tom coloquial e escrachado das declarações iniciais, levando, hipoteticamente, o ouvinte (o cidadão comum, o brasileiro com pouca ou nenhuma noção de política, a dona de casa, o lavrador, o operário, dentre outros), a pensar coisas do tipo: “Ele é alguém como eu, já que fala como eu! Pensa como eu!” Esses efeitos de sentido e de identificação pela língua provavelmente são construídos quase que imediatamente, ao mesmo tempo em que são proferidas, já que não demandam interpretação, explicação, análise. Todos sabem do quê o presidente está falando porque ele fala algo que é comum a todos os brasileiros, ele é um brasileiro... comum – ou esse é justamente o efeito de sentido que seu discurso gera, embora sua posição-sujeito indique que ele deva utilizar de outro tipo de discurso – a língua imaginária ou a língua de madeira que as instituições controladas pelo Estado normatizam.

Ficar seis meses esperando uma roupa ser lavada é algo impensável hoje em dia, pensamento comum para qualquer um que ouve algo assim. Mas quem teria a coragem de dizer isso em rede nacional, ainda mais se referindo às roupas íntimas? O presidente! O mesmo pode ser analisado em relação ao termo “urucubaca”, sinônimo de “caiporismo”, má sorte. Substantivo feminino amplamente utilizado nos meios populares, quando é deslocado para nomear os problemas políticos que acontecem no Congresso ou mesmo no cenário econômico é uma estratégia discursiva, pois, ao mesmo tempo em que faz com que a população entenda o que está acontecendo (é apenas má sorte, vai passar!), simplifica todo o contexto econômico que, na maioria das vezes, fica incompreensível a partir das notícias televisivas dada a própria complexidade da situação. Os efeitos dos diversos modos de circulação dessa fala na própria formulação dos enunciados provavelmente geraram pensamentos do tipo: “Se o presidente falou, não há com o que eu me preocupar. Basta benzer que o mal se acaba.” Os problemas de ordem política e social se deslocam para problemas de ordem espiritual que, desta feita, serão mais facilmente resolvidos. “Em discurso no Fórum Empresarial Mercosul-União Europeia, em Brasília: “Você pode fazer

seu discurso político na hora que quiser. Você pode ter suas definições ideológicas... mas na hora de governar, é pão, pão; queijo, queijo. Você nem sempre faz o que quer.” (30/10/2003,) (TAS, 2009, p. 118)

É do senso comum que o Brasil é conhecido internacionalmente, dentre outros fatores, pela questão futebolística. Assim sendo, conversar sobre futebol, seja sobre a seleção ou sobre os principais times é assunto recorrente não só entre os homens, mas também, por incrível que pareça, entre as mulheres. E o ex-presidente Lula, torcedor convicto do Sport Club Corinthians Paulista, não perdia uma oportunidade de fazer lembrar seu time de coração, mesmo que este não estivesse lá muito bem na tabela oficial dos jogos: “Eu sou um homem de fé. De tanta fé que sou corintiano.” (05/05/2004, discursando em Rio Verde – GO) (TAS, 2009, p. 24) A quebra da posição-sujeito Presidente da República acontecia frequentemente quando o então presidente usava seu time para justificar situações onde tal assunto não cabia de forma alguma, o que acontecia com uma frequência nada normal se compara a outras nações.

E como será que ficava o grande público frente a declarações desse tipo? Foram inúmeras, segundo excerto de Tas, “na saída da reunião da ONU, em Genebra, diante da notícia dos protestos contra fraude nas eleições no Irã, Lula insinua apoio a Ahmadinejad: “É um protesto de quem perdeu. Por enquanto, apenas uma coisa entre flamenguistas e vascaínos.” (16/06/2009) (TAS, 2009, p. 138)

A grande parcela da população recebe os fatos através dos jornais televisivos em primeiro lugar, e outra parcela lê jornais impressos ou on-line, mas a partir do momento em que o chefe da nação opina que um fato grave ocorrido no Oriente Médio nada mais é do que algo semelhante a uma briga entre as torcidas cariocas rivais, tudo leva a crer que essa mesma parcela da população que não se interessa ou não tem necessidade de apurar os fatos com profundidade, vai acreditar no que o presidente disse. Ao mesmo tempo em que suas metáforas e comparações formulam sobre os fatos de modo a torná-los mais simples, também colaboram para banalizar os acontecimentos de importância internacional. Análises a parte, metáforas futebolísticas no Brasil sempre funcionam, mesmo em caso de morte:

Quando as pessoas vêm para o hospital e morrem na mão do Jatene, mesmo que ele tenha feito um erro, todo mundo morre satisfeito, morreu na mão do melhor. Isso é como o Zico perder um pênalti,

ninguém vai dizer que ele é grosso, ele errou” (29/06/2006, elogiando o cardiologista Adib Jatene) (TAS, 2009, p. 151)

As gírias e regionalismos também sempre estiveram presentes na fala do ex-presidente. Uma das falas mais comentadas foi em relação à crise nos EUA: “Em 04/10/2008, mostrando sua vocação para trabalhar como “moça” do tempo - “Lá, a crise é um tsunami. Aqui, se chegar, vai ser uma marolinha, que não dá nem pra esquiar.” (TAS, 2009, p. 75) “Marolinha”, além de forma diminutiva de marola, é uma gíria utilizada para se referir a ondas pequenas, que não dão para surfar. Uma forma bastante simples de se acalmar a população com uma visão concreta para uma crise na América do Norte que, sim, repercutiu muito na economia brasileira.

Metáforas e comparações, gírias, regionalismos, falta de coesão e coerência... presenças constantes da LF amplamente utilizadas por Lula, como esse discurso proferido em “2/12/2003, a uma plateia de paraplégicos, onde nem todos tinham braços: “O objetivo (desta competição) é conquistar vagas para os jogos paraolímpicos de Antenas (sic). Quem acha que vai ganhar? Levante a mão aí para eu ver.” (TAS, 2009, p. 135). O que dizer da coerência nessa fala?

É interessante também analisar, a partir da noção do “não-dito” (ORLANDI, 2002), um outro discurso comum entre os brasileiros, discurso esse carregado de ideologia, pois seus sentidos deslizam e se deslocam - “o de que pobreza não é sinônimo de sujeira” – pois nada justifica estar ou ficar na sujeira, não estar limpo, nem mesmo na carência de recursos materiais ou financeiros. E Lula não poderia se esquivar dessa fala. Momento ideal para isso foi quando, “candidato à reeleição, diz que, como sua mãe, seu governo não empurra a sujeira para baixo do tapete - “Minha mãe era pobre, mas era limpa” (23/08/2006). (TAS, 2009, p. 35) O uso da conjunção adversativa *mas* aponta para a relação de causa e efeito, sócio-historicamente instituída entre ser pobre e ser sujo, pois do contrário poderia ser “pobre e limpa”, usando a conjunção aditiva. Já com Lula o adjetivo *pobre* desliza de significado, ser pobre já não é um problema, mas uma qualidade, desde que haja a limpeza, a higiene.

Entendendo a oralidade como “um lugar sócio-histórico de produção e de circulação de sentido” (PAYER, 2005), percebe-se que a materialidade linguístico-discursiva oral produzida pelo então presidente, trazia em seu bojo, tanto na sintaxe quanto nas escolhas lexicais, um

discurso cuja produção de sentido era muito mais eficaz para o cidadão comum do Brasil do que o de outros presidentes em mandatos anteriores. Entretanto, quando esses discursos são passados para o discurso escrito, esbarram nas regras sintáticas e lexicais, na coesão e na coerência, e perdem sua flexibilização, pois a legitimação do discurso escrito imputa um efeito ideológico de sentido único, desambiguizado (GALLO, 1992). O oral é de uma natureza discursiva radicalmente diferente da escrita (PAYER, 2005), tanto pelos recursos não verbais que o complementam quanto pela contextualização de memória e de historicidade que são assuntos para reflexões posteriores. Podemos dizer até que passar a língua fluida ou a língua oral para o plano do escrito, faz-se com que uma ou outra perca sua musicalidade, sua entonação. A própria linguagem não verbal do presidente, suas expressões faciais, o gestual, tudo isso corrobora numa contextualização que, num conjunto maior, propicia à sua linguagem oral uma amplitude muito maior e até mesmo mais eficiente do que o do texto escrito enquanto se analisa o alcance e a identificação junto à população. Como passar para o discurso escrito falas como no exemplo abaixo sem perder sua originalidade, portanto, os “efeitos de sentido” que produz?

Tive que esperar nove meses para nascer. Depois, 11 meses para andar. Depois, 12 meses para aprender a falar papai e mamãe. Por que vou fazer as coisas com pressa? (4/4/2003, em discurso para metalúrgicos do ABC paulista) (TAS, 2009, p. 94)

Ou mesmo, “Tem gente que levanta reclamando da vida, vai dormir reclamando da vida, sonha com coisa ruim e acorda de mau humor.” (19/7/2005, pregando o otimismo como solução para a economia do país melhor) (TAS, 2009, p. 94)

Considerações Finais

Todo chefe de estado é amplamente criticado pelas escolhas sintáticas e lexicais que faz, sejam elas muito corretas ou mesmo “duvidosas”, sua própria posição-sujeito o deixa à mercê das críticas de jornalistas, linguistas, estudiosos da área e mesmo do grande público, independentemente do lado político que tais pessoas professem ou não. Na atualidade, o presidente em exercício Michel Temer tem sido elogiado por alguns pelo domínio impecável da norma culta, enquanto é

criticado por outros pelo distanciamento da grande massa justamente por “dominar uma língua” que nem todos compreendem.

Isso posto, podemos levantar inúmeros questionamentos que, por sua vez, nos direcionam a outras reflexões que alcançam áreas diferentes no âmbito político, social e econômico – por que toda a população brasileira não compreende a norma culta da língua portuguesa? Seríamos ainda falantes de uma “língua portuguesa”? Por que não uma língua brasileira (ORLANDI, 2009)? Por que usar a língua fluida, neste caso, não legitimada na tradição escrita, ainda choca a mídia e parte dos intelectuais? Isso não corrobora a tese de que a língua contribui para a estratificação em castas para quem domina a língua dos grupos mais favorecidos economicamente? Não seria a língua imaginária uma imposição do Estado que, não utilizada por aqueles que se espera saber usá-la, causa estranheza (no caso o ex-presidente)?

Enfim, são inúmeras as reflexões que não se esgotam aqui e que abrem espaço para futuras pesquisas no âmbito da Linguagem e da Análise de Discurso, entretanto, é importante notar como o uso da Língua Fluida, por parte do ex-presidente, em situações de improviso na vida pública, favoreceu ainda mais sua aproximação e identificação com a grande massa dos brasileiros. Usando de uma sintaxe e de um léxico para “dar respostas tão lépidas e despudoradas” (TAS, 2009, p.10) sobre os mais variados assuntos, mesmo que essas respostas muitas vezes não tivessem nenhum respaldo coerente, Lula falava a mesma língua da maioria da população brasileira – a LF, a que não pode ser contida no arcabouço dos sistemas e fórmulas (ORLANDI, 1988, p.34), mas que, infelizmente, e por diversas razões que não cabem agora nessas reflexões, não dominam a língua portuguesa formal e culta instituída pelo Estado enquanto nação.

A linguagem fluida pode ser modificada, por ser mais flexível, pois como afirma PAYER (2005, p. 48), “os sentidos e as interpretações que se encontram na oralidade são susceptíveis de manifestar um outro lugar de discurso (...)”. Aleatoriamente, por hábito, estratégia de marketing político, enfim, fica o questionamento e as várias reflexões que daí suscitam, mas a identificação da maioria da população brasileira com a linguagem utilizada pelo ex-presidente, seja ela rica em metáforas, pobre em significados ou polissêmica em sentidos, fez com que o então presidente se tornasse um outro sujeito na/da história do Brasil.

Marcelo Tas deixa claro que os excertos recolhidos e citados em seu livro são, em sua maioria, oriundos de falas de improviso do

presidente, ou seja, falas sem monitoramento, oralizadas, onde, deste modo, houve falhas no controle reflexivo da fala. Estratégia de marketing ou característica pessoal de Lula é um questionamento agora irrelevante, uma vez que a Língua Fluida por ele amplamente utilizada acabou funcionando como língua política do momento, modificando sua posição-sujeito Presidente da República e contribuindo significativamente para o aumento e manutenção de sua popularidade durante os dois mandatos, independentemente de correção gramatical ou embasamento teórico (acadêmico) de seus discursos. Esse funcionamento corrobora a ideia de que a língua é sim um elemento (a arma) político, seja ela a língua fluida ou a língua política. Os efeitos de sentido que ela suscita, a ideologia e a materialidade discursiva por ela apresentada nos ditos, não-ditos, nos apagamentos, entre outros, a maneira que fazem uso dela(s) aquele(s) que está(ão) no poder levam uma população massificada a pensar e agir desta ou daquela forma.

Referências

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. (1975)

GALLO, Solange Leda. **Discurso da Escrita e Ensino**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1992.

GUILHAUMOU, Jacques. **La langue politique et la Révolution Française: de l'événement à la raison linguistique**. Paris: Mèridiens Klincksieck, 1989.

_____. **Linguística e história: percursos analíticos de acontecimentos discursivos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

KAMEL, Ali. **Dicionário Lula: Um presidente exposto por suas próprias palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **Discurso e Leitura**. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

_____. **Língua Brasileira e Outras Histórias. Discurso sobre a língua e ensino no Brasil**. Campinas: RG Editora, 2009.

_____. (org) **Política Linguística na América Latina**. Campinas/SP: Pontes, 1988.

PAYER, Maria Onice. Discurso, Memória e Oralidade. **Horizontes. Revista de Ciências Humanas**, v. 23 (1) p. 47-56, Jan/Jun 2005.

_____. Processos, modos e mecanismos da identificação entre o sujeito e a(s) língua(s). **Niterói**. n.34, p.183-196, 1.sem.2013.

TAS, Marcelo. **Nunca antes na história deste país: as frases mais engraçadas e polêmicas do presidente Lula**. São Paulo: Panda Books, 2009.

ZANCARINI, Jean-Claude. Uma filologia política: os tempos e as manobras das palavras. In: **Estudos sobre a língua política: filologia e política na Florença do século XVI**. Campinas: RG editora, 2008.

ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. Língua política: modos de dizer na/da política. In: **Leituras do Político**. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2011.

Recebido: 16/02/2018

Aprovado: 27/04/2018